

DEBATES

HIPÓTESE DA RELEXIFICAÇÃO NA GÊNESE DOS CRIoulos E PIDGINS

Hildo Honório do COUTO
Universidade de Brasília

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar a importância da hipótese da relexificação para se explicar o processo de formação dos crioulos, dos pidgins e das línguas mistas em geral que emergem em uma situação de contato de línguas. Os seus proponentes partiram do conceito de relexificação que já era conhecido desde a década de 60, criado para tentar explicar a evolução dessas línguas a partir de um ancestral comum, no contexto da árvore genealógica. A HR inseriu-o no arcabouço da gramática gerativa (versão princípios e parâmetros), e mostrou que pelo menos alguns aspectos da formação dessas línguas são previsíveis, ou seja, que se associam propriedades semânticas e sintáticas dos itens lexicais das línguas de substrato ao significante dos itens lexicais mais próximos da língua de superstrato. A hipótese tem sustentação histórica e sociológica.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to show the importance of the Relexification Hypothesis to explain the process of formation of creoles, pidgins, and mixed languages in general which emerge in a situation of language contact. The proponents of RH departed from the concept of relexification which was known as early as the beginning of the sixties in order to explain the genesis of these languages from one common ancestral within the framework of the genealogic tree. HR reinterpreted relexification within the framework of generative grammar (principles-and-parameters version), showing that at least some features of these languages are theoretically predictable, that is, that the semantic and syntactic properties of their lexical entries derive from the substrate languages, though associated to the phonetic strings of the lexical entries in the superstrate language. The RH hypothesis is built on a consistent sociological and historical basis.

PALAVRAS-CHAVE

Relexificação, formação de língua, monogênese, línguas mistas

KEY WORDS

Relexification, language genesis, monogenesis, mixed languages

Introdução

Os estudos crioulos têm dado contribuições a diversas áreas da lingüística. Algumas dessas áreas são aprendizagem de segunda língua (intimamente associada à pidginização), lingüística histórica, sociolingüística e planejamento lingüístico, entre outras. De um ponto de vista conceitual, uma outra contribuição muito interessante é a questão da relexificação, ou seja, substituição total ou parcial do léxico de uma língua pelo de outra. Os motivos e o como isso se dá são bastante complexos, mas, geralmente, têm a ver com o contato de línguas e com a relação de força (econômica, política, militar, de prestígio) existente entre elas. O fato da substituição do léxico é conhecido há muito tempo, mas o termo relexificação para designá-lo foi cunhado por Stewart (1962). Na época estava em voga a chamada monogênese portuguesa dos crioulos e pidgins de base européia, como veremos na seção 2.

No início da década de oitenta, Pieter Muysken retomou o conceito para explicar casos de línguas mistas que têm o léxico originário de uma fonte e a gramática de outra, como o da chamada *media lingua* do Equador, de gramática quéchua e léxico espanhol (Muysken, 1981). Sua proposta foi a de que no dialeto quéchua em questão, manteve-se a gramática original, mas se substituiu o léxico pelo do espanhol. O chamorro, das ilhas Marianas, também manteve a gramática malaio-polinésia original, mas substituiu pelo menos 60% do vocabulário pelo do espanhol. Há diversos outros casos pelo mundo afora, como se pode ver em Bakker & Mous (1994).

Vejamos como se estrutura o presente artigo. Na seção 2, discuto a chamada teoria da relexificação monogênica no contexto da luso-monogênese dos crioulos e pidgins de base européia. Na seção 3, apresento a hipótese da relexificação propriamente dita. Uma

vez que essa hipótese tem sido testada quase sempre com dados dos crioulos franceses, sobretudo o haitiano, na seção 4 mostro que também no crioulo português da Guiné-Bissau temos dados para confirmá-la, talvez até com mais força do que com os do haitiano. Uma vez que os dois componentes fundamentais da língua são o léxico e a gramática (ou componente computacional), discuto na seção 5 o reverso da relexificação, ou seja, a possibilidade de regramaticalização. Como veremos, parece haver uma certa relutância em aceitá-la. Na seção 6, discuto algo que aparentemente nada teria a ver com relexificação, o chamado sincretismo cultural. Na verdade, ele parece ser o equivalente cultural da relexificação. Na seção 7, discuto algumas aplicações da teoria da relexificação. Por fim, temos as conclusões, na seção 8.

1. A teoria da relexificação monogenética

Praticamente todos os manuais de introdução aos estudos crioulos têm um capítulo dedicado à chamada teoria da relexificação monogenética. Entre eles podemos citar Mühlhäusler (1986), Holm (1988), Couto (1994) e Sebba (1997). Talvez devido à visão da árvore genealógica de Schleicher, no início dos estudos crioulos sempre se considerava esse tipo de língua como uma evolução (para pior) das línguas européias, daí a chamada teoria da evolução (*Evolutionstheorie*), segundo a qual os crioulos portugueses pertenceriam à mesma família que o português, os franceses à mesma que o francês e assim por diante (Bollée, 1977). O problema é que os estudiosos começaram a notar que os crioulos tinham mais traços comuns entre si do que com as respectivas línguas lexificadoras da Europa, o que invalidava a teoria da evolução. Para não se abandonar a idéia de árvore genealógica, tão arraigada na lingüística, foi necessário propor-se uma nova teoria que desse conta dessas semelhanças. Foi aí que surgiu a teoria da relexificação monogenética.

Em sua versão radical, a teoria monogenética afirmava que todos os crioulos de base européia tinham origem em uma única lín-

gua, no caso um proto-crioulo, pidgin, proto-pidgin ou língua franca portuguesa que teria se formado ao longo da costa oeste-africana a partir de meados do século XV e se propagado pelo resto do mundo então explorado por europeus. Assim, salvava-se a filiação europeia dos crioulos.

Em geral se considera Whinnom (1956), Taylor (1956) e Thompson (1961) como os iniciadores dessa teoria, embora a idéia em si recue pelo menos até Hesseling (1933). Reportando-se a um trabalho de Voorhoeve de 1953, em holandês, Taylor (1956) salienta as semelhanças no sistema verbal existentes entre diversos crioulos do Caribe. Para ele, isso só se explicaria devido a um ancestral comum, que teria mantido o essencial da gramática e substituído o léxico original pelo do inglês, pelo do francês e assim por diante. Thompson (1961) mostra, com exemplos, que semelhanças existem até mesmo com crioulos do oriente, como se vê em (1), para o aspecto progressivo, embora o macaísta tenha também o aspecto perfectivo (ele ja ven ‘ele veio’).

- (1) mwê ka mâje ‘eu estou comendo’ (crioulo francês da Dominica)
 mi a go ‘eu estou indo’(crioulo inglês da Jamaica)
 sol ta subi ‘o sol está subindo’ (crioulo português de Macau)

Na página 110, Thompson mostra que as marcas de progressivo, perfectivo e irrealis (que compreende “potencial”, “futuro” e “contingente”) dos crioulos portugueses de Cabo Verde, das costas da Índia e da Malaca seguem o mesmo padrão das dos crioulos espanhóis das Antilhas Holandesas (papiamentu) e das Filipinas, das dos crioulos ingleses da Jamaica e do Suriname bem como das dos crioulos franceses do Haiti e da ilha Dominica. Além disso, ele salienta itens lexicais como a preposição *na*, que ocorre nos crioulos portugueses, nos espanhóis (inclusive no afro-espanhol de Cuba e de Porto Rico), no sranan, no negerhollands, no haitiano, no crioulo francês de Trinidad e, possivelmente, no jamaicano. Vale a pena

ser reproduzida a sua conclusão: “Este jargão [o pidgin português formado no noroeste africano], sem dúvida muito influenciado pelo substrato oeste-africano, pode ter sido o padrão para todos os crioulos das Índias Ocidentais assim como dialetos crioulos portugueses do mundo oriental e do Pacífico, muito conhecidos de europeus de diversas nacionalidades, podem ter fornecido os modelos para os dois grandes ramos do pidgin inglês, o da costa da China e o neo-melanésio” (Thompson 1961: 113).

Como notou Voorhoeve (1973: 133), “uma origem monogenética só pode ser aceita se acompanhada da teoria da relexificação”, idéia que já estava latente em Whinnom (1956) e em Taylor (1956). Para o primeiro, o crioulo espanhol das Filipinas é derivado do pidgin português de Ternate, ilhas Molucas, que foi levado para a região de Manila no século XVII. Entretanto, quem propôs o conceito foi, como vimos, Stewart (1962: 45-47). Ele mostrou que a semelhança estrutural e a divergência de vocabulário que se notam nos crioulos do Caribe e de outras partes do mundo se devem a um processo de substituição do vocabulário de um ancestral comum, que poderia ser o pidgin português mencionado acima, pelo da língua da nova potência colonizadora. A essa substituição o autor deu o nome de *relexificação* que, segundo ele, seria o contrário de reestruturação (*restructuralization*).

Voorhoeve (1973) apresentou evidências internas e externas em prol da relexificação monogenética. Segundo ele, o pidgin português original da costa africana foi relexificado pelo inglês no caso do sranan, do saramacca, do krio e outros, bem como pelo holandês no caso do negerhollands e do afrikaans (ver Valkhoff 1966) e pelo espanhol no caso do chabacano, do papiamentu e assim por diante. Enfim, como ficou claro a partir de um congresso realizado na Jamaica em 1959 (ver Le Page 1962), a monogênese e a relexificação passaram a ser uma das idéias mais atrativas da crioulistica. A tal ponto que se chegou a sugerir que não apenas os crioulos de base lexical européia, mas todos os crioulos do mundo, seriam descendentes do pidgin português

oeste-africano. Além do mais, como já fora sugerido por Whinnom (1956) e reafirmado por Whinnom (1965), o próprio pidgin português seria uma continuação (relexificação) da língua franca mediterrânea, idéia aceita por autores como Granda (1977) e outros. Todd (1990: 37) chegou a sugerir uma árvore genealógica que partiria da língua franca, via “proto-pidgin português”, e se bifurcaria em pidgin português atlântico e pidgin português indo-pacífico. A partir desses dois se originariam os crioulos portugueses bem como, via relexificação, os espanhóis, os ingleses, os franceses, os holandeses e assim por diante. Um estudioso do tok pisin, crioulo inglês da Papua-Nova Guiné, menciona a proposta de Whinnom sem rejeitá-la (Laycock 1974). Com efeito, nessa língua pelo menos as palavras *kalabus* (prisão), *pikinini* (criança) e *save* (saber) provêm do pidgin português. Valkhoff (1966) também é um entusiasta dessa teoria, sobretudo no que concerne à região da Malásia e da África do Sul. Como sabemos, tanto no malaio quanto no indonésio (*babasa indonesia*) atuais existe uma grande quantidade de palavras de origem portuguesa. Para um apanhado geral do assunto, pode-se consultar Lopes (1969).

A versão radical da relexificação monogenética já não é aceita por praticamente nenhum crioulista. Para Maurer (1987), nem sua versão restrita consegue explicar os morfemas temporais do papiamentu e do palenquero. No entanto, Granda (1977), Perl (1982) e até autores mais jovens como Armin Schwegler acham que ela tem uma certa validade. Schwegler (1999), que cita diversos outros monogeneticistas, argumenta no sentido de que uma série de pronomes de terceira pessoa (ou marcas de pessoa/número) existentes em diversas variedades de espanhol da América (Colômbia, Cuba, Porto Rico) é reflexo do pronome afro-português *ele*. No final, ele afirma que a negação dupla estaria no mesmo caso (NO hablo inglés NO). Por fim, houve uma polêmica no *Journal of pidgin and creole languages* entre Goodman (1987, 1988), Naro (1988, 1993) e Clements (1992, 1993) que, basicamente, girou em torno dessa teoria. Quando lembramos que os

portugueses deixaram vestígios de sua língua nos quatro cantos do mundo, como se pode ver em Vasconcelos (1970) e Lopes (1969), até parece que a teoria tem uma certa dose de verdade. Além da preposição *na*, há outras palavras de origem portuguesa que se propagaram para diversas línguas crioulas e não-crioulas. Poderíamos acrescentar às já mencionadas, *palabra* ‘contenda’ (até no afrikaans), *blai* ‘cesto’ (no krio da Serra Leoa) e outras. Relexificações parciais podem ser constatadas a todo instante. Segundo Mühlhäusler (1986) o kriol do norte da Austrália pode ser uma relexificação de um pidgin macassarês; alguns crioulos da Ásia podem ser relexificação de um árabe comercial; o hiri motu da Papua Nova Guiné é relexificação do neo-melanésio (tok pisin).

No início de 80, Pieter Muysken (1981) retomou o conceito para explicar o que se passava no que chamou de *media lingua* (ML), falada na província equatoriana de Cotopaxi. A ML seria basicamente quéchua na gramática, mas com cerca de 90% do vocabulário substituído pelo do espanhol. Esse artigo foi o ponto de partida para a proposta da hipótese da relexificação, meu objetivo central. Por isso, ele será retomado na seção seguinte.

2. A hipótese da relexificação

De um modo geral, parece que os crioulistas consideram o processo de formação das línguas crioulas e pidgins como inteiramente aleatório e caótico. A hipótese da relexificação visa justamente a mostrar que isso não é verdade. Ela prevê que os formadores dessas línguas, em situação de multilingüismo, pegam o significante (ou parte dele) da língua dominante e o associam a significados e possibilidades combinatórias de suas próprias línguas. Como reconhece a principal proponente dessa hipótese, Claire Lefebvre, da Universidade de Quebec, Montreal (UQAM), quem a formulou primeiro em termos formais foi Peter Muysken.

Muysken (1981) havia mostrado que o que chamou de *media lingua* era uma variedade de quéchua que teve o vocabulário

substituído pelo do espanhol, num processo que ele denominou relexificação, seguindo a proposta original de Stewart (1962). A gramática permaneceu a do quéchua. Partindo dessa constatação, Lefebvre (1986) iniciou um programa de comparação sistemática da gramática do crioulo francês do Haiti com o que considera a principal língua de substrato, ou seja, a variedade fon (ou fongbe) do grupo de línguas kwa. Como ela declara explicitamente, o objetivo principal é investigar o papel do substrato africano na formação desse crioulo. O arcabouço teórico é o da versão dos princípios e parâmetros da gramática gerativa. Aliás, todos os praticantes da teoria da relexificação são gerativistas, área em que são independentemente bem conhecidos. A partir daí, surgiu uma equipe de pesquisa sob a liderança de Claire Lefebvre (depois, também de John Lumsden) na UQAM que vem atuando até hoje de modo bastante produtivo. Além das diversas publicações, o grupo tem promovido seminários e mesas-redondas. Para se ter uma idéia, em 1994 houve um simpósio no MIT sobre o papel da relexificação na gênese dos crioulos. Em Lefebvre (1998) e em Lefebvre & Lumsden (1994), pode-se ver um pequeno histórico dessa proposta.

Nas palavras da própria autora, “a relexificação é um processo mental que cria entradas lexicais copiando entradas lexicais de um léxico pré-existente, substituindo suas representações fonológicas por representações derivadas de outra língua”. No caso, o léxico pré-existente é o da L1 dos formadores do crioulo, e o outro o da L2, às vezes chamada de língua alvo. É importante notar que desde a proposta inicial de Muysken, a relexificação é direcionada pela semântica. Para que ela ocorra, é necessário que as entradas lexicais de L1 e de L2 tenham algo em comum semanticamente. Com isso, a hipótese da relexificação prediz que as entradas lexicais dos crioulos (e dos pidgins) terão as propriedades semânticas e sintáticas do substrato e uma representação fonológica derivada da língua de superstrato, também chamada de língua lexicadora. Vejamos o exemplo (2), tirado de Lefebvre (1997).

- (2) M vle gwo sila a (haitiano)
 N jló kló éló é (fon)
 Eu querer grande este/aquele Det
 ‘Eu quero aquele grande’

Como se vê, os itens lexicais haitianos têm forma fonológica tirada do francês (vle <voulez, gwo < gros, sila < celà), mas a sintaxe e a semântica são do fon. Primeiro, o verbo não se flexiona como no francês; segundo, separa-se a dêixis (sila, éló) do determinante (a, é); terceiro, os dois últimos são pospostos ao determinado, não antepostos, como em francês. Em suma, a frase haitiana parece realmente uma frase fon relexificada pelo francês. O último determinante é determinante de frase.

No caso de (2), a comprovação da hipótese foi com termos demonstrativos. Ao longo de cerca de 20 anos, Lefebvre e colaboradores têm demonstrado esse paralelismo semântico-gramatical entre fon e haitiano em diversas áreas da gramática. Vejamos o caso de concordância no interior de AGRP-S de (3). De novo, pode-se ver que os itens lexicais são derivados do francês, mas a gramática e a semântica são africanas (fon), inclusive o determinante de frase.

- (3) Nèg la vòle machin (nan) an (haitiano)
 Súnù ò fin mótò (ó) ó (fon)
 homem Det roubar carro Det Det
 ‘O cara roubou um/o carro’

Koopman (1986), que não pratica mais a teoria da relexificação, mostrou que no âmbito dos complementos de orações, dos verbos modais e outros, o haitiano se emparelha com as línguas africanas, não com o francês, mesmo tendo a forma fonológica das entradas lexicais tiradas dessa língua. Lumsden (1999b) mostrou, entre outras coisas, que o verbo *montre* (mostrar) tem a estrutura argumental reci-

piante/tema, como o fongbe e contrariamente ao francês, que tem a estrutura tema/alvo. Em (4) vemos seus exemplos.

- (4) M montre Pòl liv la (haitiano)
 Un xwlé Pólù wémà ó (fongbe)
 Eu mostrar Paul livro Det
 J'ai montré le livre à Paul (francês)
 'Eu mostrei o livro a Paul'

Em (4) temos de novo sintaxe fon e léxico com significante derivado do francês. Outros colaboradores de Lefebvre e Lumsden testaram a hipótese em outras áreas. Assim, Brousseau (1989) mostrou que as palavras compostas do haitiano seguem os mesmos padrões das línguas de substrato africanas, mesmo que o significante dos elementos componentes sejam derivados do francês (relexificação). Em (5) temos alguns exemplos.

(5)

haitiano	fongbe	francês
pye-bannan (pé/banana)	kwékwé-tín (banana/pé)	'bananier'
pye-palmis (pé/palma)	dè-tín (palma/pé)	'palmier'
twu-nen (buraco/nariz)	àontín-dó (naris/buraco)	'narine'

Essa mesma autora investigou também os reflexos da relexificação na fonologia (Brousseau 1994). Entre outras coisas, ela constatou que o inventário de vogais do haitiano é exatamente paralelo ao do fongbe e diferente do do francês. O mesmo vale para o quadro de consoantes, inclusive os processos fonológicos haitianos são semelhantes aos do fongbe (cf. Lefebvre & Lumsden 1994: 75-76). Interessantemente, fato não explicitado por Brousseau, pelo menos o crioulo português da Guiné-Bissau e o crioulo inglês da Papua-Nova Guiné (tok pisin) parecem ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato. Com isso, teria-

mos uma situação diametralmente oposta ao que ocorre na relexificação vista até aqui, ou seja, o aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) se aproxima do superstrato enquanto que o aspecto “lexical” (inventário de fonemas) se aproxima do substrato. No que tange aos supra-segmentais (entoação, acento, tom, etc.), o crioulo tende a seguir as línguas de substrato. Esse assunto merece uma investigação mais aprofundada.

A hipótese da relexificação tem sido alvo de muitas críticas. Entre elas poderia citar Bickerton (1988), Spears (1991), Hazaël-Massieux (1992), Calvet (1994), Chaudenson (1994), Fournier & Wittmann (1994) e DeGraff (1999a). A maioria dessas críticas se deve ao fato de os autores não serem versados em gramática gerativa, portanto, partem de outros princípios. As únicas exceções seriam Bickerton e DeGraff. O segundo é professor de sintaxe no MIT. No entanto, ele faz críticas severas apenas no que tange ao aspecto empírico, ou seja, quanto à validade de uns poucos dados, não à solidez da base teórica. Tanto que em DeGraff (1994) e até certo ponto em DeGraff (1999b), ele tece rasgados elogios à hipótese da relexificação. No número 14,2 (1999) do *Journal of pidgins and creole languages* houve um intenso debate entre, de um lado, DeGraff, e, de outro, Lefebvre e Viviane Déprez.

Mais importante do que essas críticas é o fato de a hipótese vir sendo testada (e confirmada) há cerca de 20 anos, em sucessivos projetos apoiados pelas agências financiadoras canadenses. Ademais, tanto Lefebvre quanto Lumsden são reconhecidos sintaticistas (gerativistas), que têm publicações nos mais renomados órgãos de divulgação científica do mundo, e não apenas textos relexificacionistas, inclusive o fechado MIT (ver a mesa-redonda que aconteceu lá e DeGraff 1999b). Mais importante é o fato de se tratar de uma hipótese testável (refutável, falseável). Basta encontrar-se uma língua crioula que apresente uma quantidade razoável de fenômenos que a refute para ela ter que ser descartada. Até agora, porém, ela vem sendo confirmada com um fenômeno atrás do outro no haitiano. Na seção seguinte, vemos

que o guineense também a confirma em diversos fenômenos examinados até agora, por mim e por outros autores.

Existem alguns problemas com a teoria, fato apontado pelos seus proponentes. Um deles é a (não) relexificação de categorias funcionais (Lumsden 1999a). Deve-se observar, porém, que se tudo no crioulo resultasse de relexificação de L1 por entradas lexicais de L2, teríamos uma prova para uma concepção de língua como nomenclatura, o que Saussure já rechaçara.

O cenário em que se dá a criouliização mediante relexificação prevê a presença de mais de duas línguas. Do contrário, pode acontecer o que se deu na *media lingua* e no chamorro ou na aprendizagem de L2 pelos falantes de L1. Na situação de multilingüismo, como não há uma língua comum, é necessário que se forje pelo menos um vocabulário comum, ou seja, um jargão, para se ter pelo menos uma comunicação precária. Como o contato com a língua dominante é precário, as matrizes fonéticas dos itens lexicais do superstrato são captadas fragmentariamente, não na íntegra. Preenchidos pelos padrões semânticos, sintáticos e fonéticos das línguas de substrato, esse jargão inicial permite um entendimento mínimo. O contrário não funcionaria. A relexificação reduz a diversidade: a substituição de significados de substrato (manifestado em significantes diferentes em diversas línguas) pelo de uma única língua (a lexificadora) fornece aos falantes dessas línguas um léxico comum.

Se a opção tivesse sido pegar matrizes fonéticas das línguas de substrato e as preencher com conteúdos do superstrato, não haveria entendimento entre os falantes das diversas línguas de substrato. Com efeito, para a comunicação o léxico é muito mais importante do que a sintaxe. Por exemplo, se um estrangeiro falante de uma língua OSV dissesse a um brasileiro **Você eu vejo*, poderia ser entendido melhor do que um falante de uma outra língua que dissesse *Ich sehe dich*, na mesma ordem que o português *Eu vejo você*.

Do ponto de vista da proposta de Lefebvre e colaboradores, a relexificação é o principal processo na formação das línguas crioulas,

mas não o único. Outros processos que entram em ação com ela são a reanálise e o nivelamento dialetal. Reanálise é um processo mental que estende ou transfere a representação fonológica de uma categoria lexical (substantivo, verbo, adjetivo e preposição) para a uma categoria funcional (determinante, marcador de caso, de tempo ou de aspecto e complementizador) em uma mesma língua. É o caso da forma guineense *na* que, além do significado preposicional já presente no étimo português *na* (em+a) é também o marcador de caso locativo. Isso pode ser visto em frases como *i sai na si kasa* ‘ele saiu [de] sua casa’, por oposição a *i sta na si kasa* ‘ele está em (sua) casa’. O nivelamento dialetal, contrariamente aos processos mentais de relexificação e de reanálise, é um processo social, e consiste numa negociação entre os falantes de diversas línguas de substrato sobre qual forma adotar. Ele visa a reduzir a variação entre os léxicos produzidos pela relexificação de diferentes léxicos substratais. Os traços que são comuns a um grande número de línguas de substrato serão preferidos. Tem sido demonstrado que as línguas do oeste africano têm muitos traços em comum.

Enfim, a hipótese da relexificação explica, adicionalmente, porque os pidgins e crioulos tendem a ser línguas isolantes. Quase todas suas categorias são formadas pelo processo de relexificação de itens lexicais da língua lexificadora. Com isso, até mesmo algumas categorias gramaticais, como tempo-modo e número-pessoa das línguas indo-européias, são expressas lexicalmente. Em (8b), abaixo, pode-se ver que o aspecto progressivo (Comrie, 1976) é expresso por um item lexical, *na*, sendo que em português esse aspecto é indicado pela flexão *-ndo*.

3. A relexificação no crioulo guineense

Kihm (1989) salientou a importância da hipótese da relexificação, embora nos crioulos exógenos (formados fora do território dos falantes das línguas de substrato) ela seja difícil de ser comprovada, e o haitiano é um deles. Para ele, crioulos endógenos como o

tok pisin da Papua-Nova Guiné e o guineense são uma área de testagem muito mais interessante. As línguas de substrato (e adstrato) continuam convivendo com o crioulo. Kihm mostra que o guineense confirma a hipótese no que concerne à negação, aos pronomes, ao sistema temporal e aos complementizadores. Vejamos o exemplo (6), para a primeira.

- (6) Nau, N ka oja-l ‘Não, eu não o vi’
 NEG₁ 1PS NEG₂ ver 3PS

No crioulo, a negação sentencial é *ka* e a negação de predicado é *nau*, ao passo que em português só há uma forma para ambas. Kihm mostrou que muitas línguas de substrato têm duas ou mais formas de negação. Em (7) temos exemplos do mancanha, com duas.

- (7) a. man dika ro wul ‘eu não o farei’ (b) bu kats telar ‘eles já não se entendem’
 EU NEG-U fazer ELE ELES não ouvir-um-ao-outro

Couto (a sair) mostra que a entrada lexical *na* tem duas funções no crioulo, a de preposição (8a) e a de partícula aspectual de imperfectividade, no caso, seu subtipo chamado progressivo (8b).

- (8) a. Jon sta na si kasa ‘João está em sua casa’ b. Jon na fuma ‘João está fumando’
 João estar em dele casa João IMP fumar

No exemplo de (8), o crioulo pegou o significante do português (em+a) e lhe atribuiu o valor semântico e sintático das línguas de substrato. Em mandinga, por exemplo, *kaN* tem as duas funções (9).

- (9) A be taama kaN bedoo kaN ‘Ele está caminhando na rua’
 ELE estar caminhar kaN rua kaN

Em sua segunda ocorrência em (9), *kaN* é partícula que indica

progressivo (-ndo); na primeira, é preposição (em).

Diga-se de passagem que o mandinga é a língua africana que mais influência teve na formação do guineense. Em Doneux & Rougé (1993) temos muitos outros exemplos. O importante é que diversas outras línguas da região apresentem esse traço, ou seja, a multifuncionalidade do equivalente de “em”. Enfim, grande parte das estruturas crioulo-guineenses resultaram de um processo de relexificação de estruturas das línguas africanas por formas do português.

4. Regramaticalização

Partindo do pressuposto de que léxico e gramática são os dois componentes da língua como sistema, seria de se esperar que na dinâmica das línguas houvesse não apenas relexificação, mas também regramaticalização. O próprio criador do conceito de “relexificação” (Stewart 1962) reconheceu isso, ao afirmar que ele é a contraparte de regramaticalização (que ele chamou de *restructuralization*). Ele chegou a aventar a possibilidade de os pidgins resultarem de uma reestruturação rápida da gramática (logo, regramaticalização) básica de uma língua, mantendo o vocabulário básico relativamente intacto (p. 45). Hall (1978) foi um dos primeiros a usar o termo regramaticalização. Mas, para ele, regramaticalização é a alma da mudança de língua em geral, sem ela não há mudança de afiliação genética. Ele estava preocupado com a árvore genealógica. Thomason & Kaufman (1988) distinguem três graus de “substituição gramatical”, que seria outro nome para regramaticalização: empréstimos estruturais (a) moderados, (b) fortes e (c) maciços. Em (a) se enquadrariam, entre outros, o romanche (com empréstimos do alemão suíço), o estoniano (empréstimos alemães) e mongol (empréstimos do chinês). Em (b) entrariam o dialeto chinês wutun, com empréstimos do tibetano; o brahui, com empréstimos do balochi; e o grego da Ásia Menor, influenciado pelo turco. A (c), ou seja, à substituição maciça de traços gramaticais devido a uma pressão cultural massacrante, e de que pode resultar morte da língua, pertenceriam o anglo-romani, que manteve parte do vocabulário romani origi-

nal usado no arcabouço da gramática do inglês; o ma'a ou mbugu (da Tanzânia), que mantém parte do léxico e um pouco da gramática cuxíticos originais em uma gramática em grande parte tomada de empréstimo às línguas bantus; o michif (língua algonquiana), que tomou de empréstimo ao francês a morfologia nominal e a sintaxe nominal, além de alguns substantivos; o aleuta da ilha de Mednyj, que substituiu toda a morfologia dos verbos finitos pela do russo; e o árabe de Kormakiti (de Chipre), influenciado pelo grego local. Em (10) dou um exemplo do anglo-romani (a) e um do calão (calon) português, que está no mesmo caso, só que com gramática espanhola:

- (10) a. The rackli chored the luvva 'A menina furtou o dinheiro'
 b. El jambo se camela rumandiñar 'O homem quer casar-se'

Poderíamos acrescentar ainda, pelo menos, o shelta, falado por grupos de nômades da Irlanda e da Escócia. Embora haja muitas incertezas sobre a origem dessa linguagem, o fato é que ela mantém um vocabulário oriundo do gaélico, do romani e do jargão (cant) inglês, que é usado no contexto da gramática inglesa. Não se trata de uma língua natural como as demais. O shelta surgiu como linguagem doméstica, para manter segredo e intimidade (Grant 1994).

Praticamente todos os defensores da hipótese da relexificação subscrevem a afirmação de que os crioulos são línguas de vocabulário do superstrato e gramática do substrato. Isso me levou a sugerir o conceito de anticrioulo, pois linguagens como a de Cafundó invertem essa fórmula, ou seja, elas constam de um vocabulário pelo menos parcialmente original (substrato) usado no contexto da gramática local (superstrato). A linguagem de Cafundó tem pelo menos parte do vocabulário africano original, usado com a gramática do português local (Vogt & Fry 1978). O objetivo é resistência cultural (Couto 1994: 85-88 e 2002). Ulteriormente, vários outros casos foram acrescentados, como os já mencionados anglo-romani, shelta, calão, ma'a e outros. O que ficou claro é que sempre se tra-

tava de povos que viviam como enclave no território de outro povo, ou de nômades, sempre com o objetivo de se distinguirem da sociedade envolvente (resistência). Como houve muita crítica ao conceito de anticrioulo, talvez possamos usar o de regramaticalização em seu lugar. Para mais detalhes sobre anticrioulo, pode-se consultar Couto (2002).

Considerando o conceito de regramaticalização como uma alternativa a anticrioulo, podemos opô-lo ao de relexificação como aplicado à *media lingua* (ML) por Muysken (1981). Os usuários da ML estavam em seu próprio território. Eles se aproximaram do espanhol porque queriam distanciar-se de sua origem quéchua rural. Quanto aos usuários da língua regramaticalizada, geralmente estão no território dos falantes da língua alvo. Sua língua se regramaticaliza porque não conseguem manter sua língua original na íntegra, mesmo opondo resistência à massacrante força constritora da língua da sociedade envolvente. Apesar dessa resistência, o que conseguem manter é apenas parte do léxico original, mesmo assim só por algum tempo. Ao fim e ao cabo, sobrevém a morte de sua língua (glototanásia).

Como o léxico é o componente da língua que mais diretamente reflete a sociedade, a atitude dos usuários perante ela pode levar a resultados diferentes, no caso de mudança induzida pelo contato. Se a atitude for de afirmação da identidade, pode-se prever uma maior probabilidade de regramaticalização do que de relexificação. Não havendo essa atitude e, sobretudo se houver um desejo de se assemelhar aos falantes da língua alvo, haverá maior probabilidade de se dar relexificação do que regramaticalização.

O objetivo é sempre a comunicação. Nos casos em que houve relexificação, havia necessidade de comunicação intergrupar, entre povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis. Nos casos em que houve regramaticalização, isso se deveu a uma necessidade de comunicação intragrupal sem que o falante seja entendido pelos de fora, o que implica resistência e desejo de demarcar a própria identidade.

Enfim, o conceito de regramaticalização merece um lugar ao sol, a despeito das objeções que alguns estudiosos têm a ele. O crioulista Peter Bakker, especialista em michif e anglo-romani, não o aceita (Bakker, 1997: 205, 210). Ele prefere incluir as línguas que aqui são consideradas regramaticalizadas no que chama de “línguas entrelaçadas” (*intertwined languages*). O problema é que essa categoria inclui todo tipo de língua que tem o léxico de uma fonte e a gramática de outra, mesmo quando isso tenha sido resultado de um processo de relexificação, como aconteceu com o chamorro das ilhas Marianas e com a ML. Quem aceita o conceito sem reservas é Anthony Grant. De acordo com ele, o shelta “é um fenômeno raro, uma língua que apresenta ‘regramaticalização’”. Melhor ainda, em sua opinião ela passou por um duplo processo de regramaticalização: de uma língua desconhecida para o irlandês e desse para o inglês (Grant 1994: 144-145).

5. Sincretismo cultural

Pelo menos um aspecto do que se tem chamado de sincretismo cultural poderia ser considerado como uma contraparte cultural da relexificação. Vimos que a hipótese da relexificação prevê que as entradas lexicais das línguas crioulas e de outras línguas mistas, como se pode ver em Muysken (1981), copiam os traços semânticos e sintáticos das L1 dos falantes e os associam a matrizes fonéticas derivadas da L2. Em termos grosseiros, isso já fora formulado como sendo vocabulário europeu e gramática africana.

No caso da Jamaica, não só a língua associou significantes europeus a significados africanos. Na religião e na música isso se deu também. Pelo menos após a chegada dos missionários cristãos, os escravos puderam dar continuidade a seus costumes religiosos camuflados de cristianismo. Como Alleyne (1989: 93-96) mostrou, o ritual conservador chamado *convince* “representa um estágio de desenvolvimento em que nomes cristãos entraram no panteão local, mas os atributos das deidades e as atitudes em re-

lação a elas dão continuidade a padrões africanos”. Isso porque as deidades européias compartilhavam muitas qualidades com as africanas, exatamente como no caso da relexificação, que só se dá quando a entrada lexical do superstrato e a do substrato que a relexifica têm algumas propriedades semânticas em comum. A música jamaicana também segue o mesmo princípio, ou seja, mesmo quando a superfície lembra a Europa, a forma interna é de base africana. Por exemplo, mesmo quando o “tema” de uma canção é local (americano em geral ou caribenho), as inflexões tonais e o ritmo freqüentemente remetem à África.

As culturas africanas são muito abertas a empréstimos externos, e essa tolerância ao que é do outro faz com que sejam muito permeáveis. Na África sub-saariana já existia um tipo de sincretismo entre traços tradicionais e islamismo, por um lado, e entre traços tradicionais e cristianismo, por outro lado. O que se deu na América foi simplesmente a continuidade de uma mentalidade que já existia na base africana (Alleyne, 1989).

Há diversos estudos sobre o sincretismo cultural. Para uma primeira abordagem, pode-se consultar Carvalho (1993) e Bastide (1960). O segundo deles salienta o caráter de resistência desse fenômeno. Para ele, “parece seguro afirmar que o fenômeno dos quilombos representa a resistência de uma civilização que se recusava a morrer (luta em que a religião africana exerceu um papel chave) bem como um protesto direto contra a instituição da escravidão” (Bastide, 1979: 198). Para aqueles que afirmam que o sincretismo é uma espécie de aculturação, ele afirma que esses conceitos são relevantes apenas em certo nível de abstração. De certo modo, sincretismo é sempre ‘contra-aculturação’ e aculturação sempre ‘sincretica” (p. 199) (cf. 3.6 para mais detalhes).

Em suma, quando membros dos grupos africanos estavam cantando e/ou ajoelhados diante uma imagem de São Jorge, na verdade estavam reverenciando *aguê* (jeje), *oxóssi* (nagô) ou *matacuzambê* (angola). Diante da imagem de santa Bárbara, homenageavam *calé* (jeje)

ou *iansã* (nagô). Só a materialização era européia. A essência, o sentido ou função a que ela remetia era africana.

6. Algumas aplicações da hipótese da relexificação

A aplicação mais importante da HR se dá na formação dos pidgins e crioulos. Ela mostra que o processo de formação do léxico dessas línguas a partir de traços de diversas outras não é aleatório nem muito menos caótico. Ela prevê que se copiam aspectos do significante da língua dominante, que são associados ao significado e propriedades semânticas das línguas de substrato. Mas há outras áreas em que ela pode lançar luzes.

A primeira é a aprendizagem de segunda língua (AL2). De acordo com a HR, os aprendizes de uma segunda língua se apropriam de um novo vocabulário associando palavras e frases de suas L1 a palavras e frases de L2, uma a uma, freqüentemente ignorando os contextos lingüísticos e pragmáticos em que são originariamente usadas. Essa associação facilita a aprendizagem de L2 em situações de pouco acesso à L2. O que é mais, a relexificação se torna mais acessível ao aprendiz à medida que ele vai ficando mais velho, assim como, na aquisição de L1, quanto mais a criança cresce, menos é capaz de adquirir naturalmente as estruturas de sua própria língua. Se passar o período crítico (aproximadamente 7 anos), poderá nunca mais aprender uma língua plenamente.

Os anglófonos que vão aprender francês em Quebec costumam dizer **écouter à* (ouvir), relexificando a forma de sua L1, que é *to listen to*. Há muitos outros exemplos, como **regarder à* (*to look at*), **payer pour* (*to pay for*), **chercher pour* (*to look for*) e outras (Lumsden, 1999a: 130-133).

Os empréstimos que as línguas tomam de outras também passam por um processo parecido com o de relexificação. Por exemplo, em inglês não se usa a palavra *outdoor* exatamente como no Brasil. Na verdade, nós tomamos apenas a matriz fonológica da entrada

lexical inglesa e a associamos a um conteúdo brasileiro, ou seja, algo como “cartaz”. Se isso for válido, o português estará passando por um incipiente processo de relexificação pelo inglês. Haja vista a quantidade maciça de empréstimos dessa língua que estão sendo feitos por nós, muitos deles inteiramente desnecessários. Nós não oferecemos nenhuma resistência a isso, pelo contrário, estamos inteiramente abertos a novas intromissões de palavras inglesas no português. É tido como chique introduzir o máximo de americanismos em nossa fala.

É bem provável que a relexificação tenha algo a ver com as diversas más traduções que temos por aí, mesmo que sob a forma de imagem especular. Nesses casos, o tradutor simplesmente copia as entradas lexicais da língua alvo da tradução e as preenche com propriedades semânticas e, às vezes, até sintáticas da língua de origem. Para dar um exemplo relativamente recente do âmbito de nossa disciplina, poderia citar a palavra “otimalidade”. Ao usar essa forma, estamos simplesmente adotando a entrada lexical inglesa *optimality* e adaptando-a a nossos usos. O componente morfológico da gramática do português exigiria que se combinasse “-idade” com “ótimo”, o que daria a forma vernácula “otimidade”. Se o assunto fosse estudado pelos especialistas em tradução dessa perspectiva, creio que teríamos descobertas interessantes, pois relacionaríamos a área com formação de novas línguas (crioulos e pidgins) e com aprendizagem de segunda língua.

Creio que ninguém tocou no assunto, mas parece que o que se dá na chamada descrioulização (reaproximação do crioulo à língua dominante, após formada) também teria algo a ver com relexificação. Quando não, pelo simples fato de ela ser basicamente uma tomada de empréstimos da língua dominante, lexificadora. Um parecerista anônimo argumentou que isso não seria verdade, uma vez que o léxico do crioulo já provém da língua dominante. Devo salientar, no entanto, que o fato de o léxico crioulo provir da língua dominante, chamada por isso mesmo de língua lexifica-

dora, não significa que seu léxico seja idêntico ao dela, mesmo porque o que proveio da língua lexificadora é apenas a forma, não o conteúdo. O léxico português provém do latim, em sua maioria, porém, não dizemos que o léxico português *é* o léxico latino. Em síntese, o léxico crioulo é autônomo relativamente ao da língua lexificadora e, por ter identidade própria, pode perdê-la, via descrioulização, por exemplo.

7. Conclusão

Gostaria de concluir ressaltando a ironia que se nota na existência da hipótese da relexificação. O conceito de relexificação surgiu no contexto da teoria da monogênese para explicar a origem dos crioulos sem a participação das línguas de substrato (africanas e outras), no que foi chamado por alguns de teoria da evolução. Pois bem, ele passou a ser usado por Lefebvre e seguidores em um sentido diametralmente oposto, ou seja, justamente para explicar o papel das línguas de substrato na formação dos crioulos. Por outras palavras, em sua origem o conceito visava a explicar a europeidade dessas línguas, ao passo que na nova visão ele tem por objetivo explicar o seu africanismo ou, de modo mais geral, o substratismo da sintaxe e da semântica das línguas crioulas. Tudo isso no contexto de uma hipótese testável, mesmo porque baseada em um modelo formal de longa tradição, a gramática gerativa.

Não é para menos que essa hipótese é uma das poucas, talvez a única, existentes que têm mostrado que o processo de emergência de uma língua mista em uma situação de contato de línguas não é caótico nem de resultados inteiramente imprevisíveis, como se pode ver nas diversas teorias elencadas em Holm (1988) e em Couto (1996). Pelo contrário, há diversas direções prováveis. Uma delas é a de que os usuários partem das propriedades sintáticas e semânticas de suas L1 e as associam ao significante do item lexical mais próximo da língua dominante.

Os resultados sincrônicos e formais da nova teoria da relexifica-

ção são amplamente corroborados por fatores extra-lingüísticos. Assim, sabe-se que as línguas que mais contribuíram na formação do haitiano foram as línguas kwa, analisadas pela equipe da UQAM. Pois bem, Claire Lefebvre tem mostrado que a maioria dos escravos levados para o Haiti provinham justamente da região onde se falam línguas kwa. No caso da Guiné-Bissau, a língua que mais presença teve na formação do crioulo foi o mandinga. Não é por acaso que esse crioulo pareça um vocabulário tirado do português com gramática mandinga, como transparece de Barros (1900). O que é mais, devido à grande unidade em estrutura profunda entre as línguas africanas (Alleyne, 1989), o crioulo parece uma língua franca com gramática local e vocabulário de origem portuguesa (Doneux & Rougé, 1993). Os cultos chamados sincréticos afro-brasileiros também seguem o mesmo princípio defendido pela teoria lingüística. No caso da religião, segundo Alleyne (1989), mesmo quando se usam imagens cristãs (forma externa) o que se venera são entidades africanas (forma interna).

Para terminar, gostaria de lembrar que a despeito de a hipótese da relexificação ser de cunho gerativista, o aspecto “comunicação” não é inteiramente ignorado. A própria Lefebvre ressalta que, ao relexificarem seus léxicos por formas fonéticas tiradas da língua de superstrato, os falantes das línguas de substrato estão criando condições para a comunicação deles mesmos entre si. Com efeito, suas línguas são mutuamente ininteligíveis, mas compartilham vastos sistemas culturais (Alleyne, 1989). A comunicação entre eles só não era possível porque esses conteúdos culturais comuns eram expressos por significantes (léxicos) diversos. Relexificar seria juntar os conteúdos comuns a um significante único, que passa a ser comum a todos

Recebido em fevereiro de 2002. Versão revisada aceita em junho de 2002.

Referências

- Alleyne, Mervyn. 1989. *Roots of Jamaican culture*. Londres: Pluto Press, 2. ed.
- Bakker, Peter. 1989. Relexification: the case of Métif (French-Cree). In: Boretzky, Norbert, W. Enninger, Th. Stolz (orgs.) *Vielfalt der Kontakte: Beiträge über "Grammatikalisierung: Natürlichkeit und Systemökonomie"*. Bochum: Brockmeyer: 119-137.
- _____. 1989b. Relexification in Canada: The case of Métif (French-Cree). *The Canadian journal of Linguistics* 34.3.339-350.
- _____. 1997. *A language of our own*. New York: Oxford University Press.
- _____. & Maarten Mous (orgs.) 1994. *Mixed languages*. Amsterdam: IFOTT.
- Barros, Pe. Marcelino Marques de. 1900. *Literatura de negros: contos, cantigas e parábolas*. Lisboa: Typ. do Commercio (Sep. da *Tribuna*).
- Bastide, Roger. 1979. The other Quilombos. In: Price, Richard (org.) *Maroon societies: Rebel slave communities in the Americas*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2. ed., p. 191-201
- Bickerton, Derek. 1988. Relexification. *Journal of pidgins and creole languages* 3,2.277-282.
- Brousseau, Anne-Marie. 1989. De "nù-fló" à "po-bouch": hypothèses sur l'origine des composés en haïtien. *La revue canadienne de linguistique* 34,3.285-312.
- _____. 1994. The relexification of phonology. In: Lefebvre & Lumsden (orgs.) *La genèse du créole haïtien: un cas particulier d'investigation sur la forma de la grammaire universelle*. UQAM.
- Brousseau, Anne-Marie. 1989. De "nù-fló" à "po-bouch": hypothèse sur l'origine des composés en haïtien. *La revue canadienne de linguistique* 34,3.285-312.
- Bollée, Annegret. 1977. Pidgins und kreolische Sprachen. *Studium Linguistik* 3.48-76.
- Brousseau, Anne-Marie, Sandra Filipovich & Claire Lefebvre. 1989.

- Morphological processes in Haitian creole: The question of substratum and simplification. *Journal of pidgin and creole languages* 4,1.1-36.
- Calvet, Louis-Jean. 1994. Créolistique et grammaire générative: quels niveaux d'analyse? *Plurilinguismes* 8:I-XXIII.
- Carvalho, José Jorge de. 1993. *Cantos sagrados do xangô do Recife*. Brasília: Fundação Cultural Palmares.
- Chaudenson, Robert. 1994. Comparatisme et methode générative transformationnelle: le cas des études sur le créole haitien. *Plurilinguismes* 8:1-20.
- Clements, J. Clancy. 1992. Foreigner talk and the origins of pidgin Portuguese. *Journal of pidgin and creole languages* 7,1.75-92.
- _____. 1993. Rejoinder to Naro's "Arguing about Arguin". *Journal of pidgin and creole languages* 8,1.119-124.
- Comrie, Bernard. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Couto, Hildo Honório do. 1994. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- _____. 1998. Um cenário para a crioulação sem pidginização. *Revista de estudos da linguagem* 7,1.5-30.
- _____. 2002. *Anti-crioulo: manifestação lingüística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus Editora.
- _____. *a sair*. The lexical entry *na* in Kriol: preposition and verbal particle.
- DeGraff, Michel. 1994. Resenha de Travaux de recherche sur le créole haïtien, n. 8 e 10. UQAM. *Journal of and creole languages* 9,2.370-384.
- _____. 1999a. Empirical quicksand: Probing two recent articles on Haitian creole. *Journal of pidgin and creole languages* 14,2.359-370.
- _____. 1999b. *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Déprez, Viviane. 1999. Empirical quicksand or empirical smokescreen? *Journal of pidgin and creole languages* 14,2.371-377.

- Doneux, J. L. & J. L. Rougé. 1993. Gramática das línguas do país, gramática do crioulo. *Papia* 2,2.50-58.
- Fournier, Robert & Henri Wittmann. 1994. Le créole haïtien, langue kwa relexifiée: vérification d'une hypothèse "P&P" ou élaboration d'astuces computationnelles? *Plurilinguismes* 8.115-139.
- Goodman, Morris. 1987. Pidgins origins reconsidered. *Journal of pidgin and creole languages* 2,2.149-162.
- _____. 1988. A response to Naro. *Journal of pidgin and creole languages* 3,1.103-197.
- Granda, Germán de. 1977. "Lingua franca" mediterranea y criollo-portugués atlántico. *Actas del V Congreso internacional de estudios lingüísticos del Mediterraneo*. Madri: Departamento de Geografía Lingüística, C.S.I.C.
- Grant, Anthony. 1994. Shelta: the secret language of Irish Travellers viewed as a mixed language. In: Bakker & Mous (orgs.): 123-150.
- Hadel, Richard E. 1969. Modern creoles and sabir. *Folklore annual of the University Folklore Association* I.35-43.
- Hall Jr., Robert A. 1978. Relexification and regramaticalization. *Language, literature and life*. Lake Bluff, Ill.: Jupiter Press, p. 122-127.
- Hazaël-Massieux, Guy. 1992. Resenha de Lefebvre et al. (orgs.) 1989. La créolisation: Canadian journal of linguistics 34,3 (número especial). *Journal of pidgin and creole languages* 7,1.134-140.
- Hesseling, Dirk Christiaan. 1933. Hoe ontstond de eigenaardige vorm van het kreools? *Neophilologus* XVIII.209-215.
- Holm, John. 1988. *Pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jakobson, Roman. 1978. Principles of historical phonology. In: Baldi, P. & N. Werth (orgs.) *Readings in historical phonology*. Pennsylvania University Press, p. 103-120 (original de 1931).
- Koefoed, Gert. 1979. Some remarks on the baby talk theory and the relexification theory. In: Hancock, Ian (org.) *Readings in creole studies*. Ghent: E. Story-Scientia 37-54.

- Kihm, Alain. 1989. Lexical conflation as a basis for relexification. *The Canadian journal of linguistics* 34,3.351-376.
- _____. 1994. Qu'est-ce qu'une théorie rationnelle de la formation des langues créoles? *Plurilinguismes* 8.21-45.
- Koopman, Hilda. 1986. The genesis of Haitian: Implications of a comparison of some features of the syntax of Haitian, French, and West African Languages. In: Muysken & Smith (orgs.): 231-258.
- Laycock, Don. 1974. *Materials in New Guinea Pidgin (Coastal and Lowlands)*. Canberra: The Australian National University.
- Lefebvre, Claire. 1986. Relexification in creole genesis revisited: the case of Haitian creole. In: Muysken & Smith (orgs.): 279-277.
- _____. 1996a. The tense, mood, and aspect system of Haitian creole and the problem of transmission of grammar in creole genesis. *Journal of pidgin and creole languages* 11,2.231-311.
- _____. 1996b. The functional category "agreement" and creole genesis. In: Wekker (org.): 153-183.
- _____. 1997. Relexification in creole genesis: the case of demonstrative terms in Haitian creole. *Journal of pidgin and creole languages* 12:2.181-201.
- _____. 1998. Multifunctionality and variation among grammars: The case of determiner in Haitian and in Fongbe. *Journal of pidgin and creole languages* 13,1.93-150.
- _____. 1999. On the empirical reliability of some Haitian data. *Journal of pidgin and creole languages* 14,2.379-384.
- _____. 2001. Multifunctionality and the concept of lexical entry. *Journal of pidgin and creole languages* 16:1.107-145.
- _____ & John Lumsden. 1989. Les langues créoles et la théorie linguistique. *La revue canadienne de linguistique* 34(3).249-272.
- _____. 1994. Le rôle central de la relexification dans la genèse des langues créoles. *Plurilinguismes* 8.47-93.
- Le Page, Robert (org.) 1961. *Proceedings of the conference on creole language studies*. Londres: MacMillan.

- Lopes, David. 1969. *A expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. Porto: Portucalense Editora.
- Lumsden, John. 1994. Possession: substratum semantics in Haitian creole. *Journal of pidgins and creole languages* 9,1.25-49.
- _____. 1996. On the acquisition of nominal structures in the genesis of Haitian creole. In: Wekker (org.) *Creole languages and language acquisition*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 185-205.
- _____. 1999a. Language acquisition and creolization. In: DeGraff, Michel (org.) : 129-157.
- _____. 1999b. The role of relexification in creole languages. *Journal of pidgin and creole languages* 14,2.225-258.
- Marx, Karl. 1852. O 18 brumário de Luís Bonaparte. In: Marx: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, p. 323-404.
- Maurer, Philippe. 1987. La comparaison des morphèmes du papiamento et du palenquero: argumens contre la théorie monogénétique de la genèse des langues créoles. In: Maurer, Ph. & Th. Stolz (orgs.) *Varia creolica*. Bochum: Brockmeyer, p. 27-70.
- Mühlhäusler, Peter. 1986. *Pidgins and creole linguistics*. Oxford: Basil Blackwell.
- _____. 1984. Pidgin and creole German, relexification and biogrammar. In: *York papers in linguistics* II. 229-239.
- Muysken, Peter. 1981. Halfway between Quechua and Spanish: The case for relexification. In: Valdman, Albert & Arnold Highfield (orgs.) *Historicity and variation in creole studies*. Ann Arbor: Karoma, p. 52-78.
- _____ & N. Smith (orgs.) *Substrata versus universals in creole genesis*. Amsterdam: Benjamins.
- Naro, Anthony J. 1988. A reply to “Pidgin origins reconsidered” by Morris Goodman. *Journal of pidgin and creole languages* 95-102.
- _____. 1993. Arguing about Arguin. *Journal of pidgin and creole languages* 8,1.109-118.
- Perl, Matthias. 1982. Acerca de alguns aspectos históricos do português crioulo da África. *Biblos* LVIII.1-12.

- Schwegler, Armin. 1999. Monogenesis revisited: Implications for the Afro-creole. In: Rickford, John R. & Suzanne Romaine (org.) *Creole genesis, attitudes and discourse*. Amsterdam: Benjamins: 235-262.
- Sebba, Mark. 1997. *Contact languages: Pidgins and creoles*. New York: St. Marten's Press.
- Singler, John V. 1996. Theories of creole genesis, sociohistorical considerations, and the evaluation of evidence: The case of Haitian creole and the Relexification Hypothesis. *Journal of pidgin and creole languages* 11,2.185-230.
- Spears, David K. 1991. Resenha de *Operations sur les structures argumentales: Le cas des constructions sérielles en créole haïtien*, de Rosemarie Déchaine. *Triptique sur les composés: Le noms composés en français, fongbe et haïtien en regard des notions de tête et de percolation*, de Anne-Marie Brousseau. *Les différentes caractéristiques de pou en créole haïtien*, de Marie Denise Sterlin. *Journal of pidgins and creole languages* 6,1.155-160.
- Stewart, William A. 1962. Creole languages in the Caribbean. In: Rice, Frank A. (org.) *Study of the role of second languages*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics of the Modern Language Association of America, p. 34-53..
- Taylor, Douglas. 1956. Language contact in the West Indies. *Word* 12,3.399-414.
- Thomason, Sara G. & Terrence Kaufman. 1988. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press.
- Thompson, Robert W. 1961. A note on some possible affinities between creole dialects of the Old World and those of the New. In: Le Page (1966: 107-113). Vorhoeve, Jan. 1973. Historical and linguistic evidence in favor of the relexification theory in the formation of creoles. *Language and society* 2.133-145.
- Todd, Loreto. 1990. *Pidgins and creoles*. Londres: Routledge (primeira ed., 1974).

- Valkhoff, Marius F. 1966. *Studies in Portuguese and creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Vasconcelos, José Leite de. 1970. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos (primeira ed., 1901).
- Vogt, Carlos & Peter Fry. 1978. Cafundó: uma comunidade que fala até hoje uma língua africana. *Estudos lingüísticos (GEL)* II.11-19.
- Voorhoeve, Jan. 1973. Historical and linguistic evidence in favour of the relexification theory in the formation of creoles. *Language and society* 2.133-145.
- Wekker, Herman (org.) 1996. *Creole languages and language acquisition*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Whinnom, Keith. 1956. *Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- _____. 1965. The origin of the European-based creoles of pidgins. *Orbis* XIV,2.509-527.